

Há essa terra que nós temos aqui  
É tudo p'ra gente, é nossa vida  
Na verdade, essa terra não é nossa  
Pois estamos aqui só de passagem.  
"A terra fica e a gente vai"  
Então nós temos que cuidar dela  
Para pelo menos devolver p'ro outro  
Ela do jeito que pegamos  
Devemos cuidar e tratar porque além  
De dar o sustento para mim e minha família  
Quando eu partir e não estiver mais aqui  
Para trabalhar, o outro que nela estiver  
Se ela estiver em bom estado, vai poder  
Sustentar também sua família  
Pena que pelo que eu vejo hoje  
Aqui mesmo nos arredores  
Plantam de qualquer jeito, atiram veneno  
P'ra isso, praquilo, e as plantas deles  
Vêm só na base do veneno e do adubo  
E no fim deixam a Terra fraca  
E nem pensam nos outros que vão pegar depois.

E também compram um monte de terra  
E nem usam, e dizem que as terra são deles  
Como é que são deles?  
Se quando eles nasceram elas já estavam ali  
E quando eles morrerem, de quem vai ser?  
É, são mesmo uns coitados  
Que não sabem o valor da terra e da vida  
Porque terra é vida! Né!?

*Fala do Sr. José Nilson Fagundes Duarte, da comunidade quilombola Maçambique, Canguçu.*

REALIZAÇÃO



APOIO

Programa de Promoção da  
Igualdade de Gênero, Raça e Etnia

Ministério do  
Desenvolvimento Agrário



DESCOBRI QUE TEM RAÇA NEGRA AQUI

DESCOBRI QUE TEM RAÇA NEGRA AQUI

negra

ESTE LIVRO, PATROCINADO PELO MINISTÉRIO DO Desenvolvimento Agrário (MDA) através do Programa de Promoção da Igualdade de Género, Raça e Etnia (Ppigre), foi produzido entre novembro de 2006 e junho de 2007. As fontes utilizadas foram *Fontin*, *Fontin SmallCaps* e *JaneAusten*, todas *freeware* e disponíveis na internet. A impressão, encadernação e o acabamento foram realizados na Gráfica Seriarte, com tiragem de 1.500 exemplares, impressos sobre papel reciclado 90g/m<sup>2</sup> para o miolo e reciclado 90g/m<sup>2</sup>, com plastificação fosca *prolan*, para o revestimento da capa. TODO O MATERIAL CONTIDO NESTA PUBLICAÇÃO É DE PROPRIEDADE DE SEUS RESPECTIVOS AUTORES E DAS COMUNIDADES ARMADA, MAÇAMBIQUE, MONJOLO E TORRÃO E NÃO DEVE SER UTILIZADO SEM PERMISSÃO.



DESCOBRI QUE TEM RAÇA NEGRA AQUI

*negra*

## CRÉDITOS

### Coordenação:

Rita Surita  
Susanne Buchweitz

### Pesquisa histórica e compilação de informações:

Antônio Soares, Cleider Menegoni, Daniela Lessa, Daniel Soares, Islair Radtke, Ledeci Coutinho, Nair Wiegand

### Fotografias:

Rafael Grigoletti

### Projeto gráfico, diagramação e ilustrações:

Julia Arostegi

### Revisão:

Ellemar Wojahn  
Rocheli Wachholz

### Luiz Inácio Lula da Silva

Presidente da República

### Guilherme Cassel

Ministro de Estado do Desenvolvimento Agrário

### Marcelo Cardona Rocha

Secretário-Executivo do Ministério do Desenvolvimento Agrário

### Rolf Hackbart

Presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

### Adoniram Peraci

Secretário de Agricultura Familiar

### Dino Sandro Borges de Castilhos

Secretário de Reordenamento Agrário (Substituto)

### José Humberto Oliveira

Secretário de Desenvolvimento Territorial

### Andrea Butto

Coordenadora-Geral do Programa de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia

### Caio Galvão de França

Coordenador-Geral do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural

### Adriana L.Lopes

Coordenadora-Executiva do Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural

### CENTRO DE APOIO AO PEQUENO AGRICULTOR - CAPA

Coordenação: Rita Surita

Colaboradores - equipe técnica e consultores: Ângela Soares, Antônio Soares, Carla Rech, Carlos Adriano Prestes, Carlos Alberto Passos, Cláudio Pinto Nunes, Cleider Menegoni, Clerinson Mendes, Clever Neuenfeldt, Daniela Lessa, Daniele Peter, Daniel Soares, Ediene Ruiz, Eduardo Medeiros, Ellemar Wojahn, Ernesto Martinez, Fábio Mayer, Guilherme Klumb, Islair Radtke, Jaqueline Sgarbi, Julia Arostegi, Ledeci Coutinho, Karin Peglow, Neusa Neuenfeldt, Norberto Andersson, Paulo Tavares, Rafael Grigoletti, Rocheli Wachholz, Roni Bonow.

© DOS AUTORES

2A. EDIÇÃO: 2007

CAPA: J. AROSTEGI

FOTOGRAFIAS: RAFAEL GRIGOLETTI

REVISÃO: ELLEMAR WOJAHN  
ROCHELI WACHHOLZ

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: J. AROSTEGI

D448

**Descobri que tem raça negra aqui** / coordenação de Rita Surita e Susanne Buchweitz; pesquisa histórica e compilação de informações de Antônio Soares, Cleider Menegoni, Daniel Soares, Daniela Lessa, Islair Radtke, Ledeci Coutinho, Nair Wiegand. Pelotas: s. ed., 2007. 104p.: il.; 20,5 x 23cm.

Inclui referências.

Inclui fotografias.

1. História. 2. Negros - Escravos - Brasil - Rio Grande do Sul. 3. Quilombos - Brasil - Rio Grande do Sul - Canguçu - São Lourenço. 4. Escravismo - Rio Grande do Sul - História. 5. Quilombolas - Torrão - Serrinha - Maçambique - Armada. 6. Quilombos - Comunidade rural. 7. Antropologia. 8. Identidade étnica. 9. Movimento negro. 10. Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor - CAPA. I. Surita, Rita. II. Buchweitz, Susanne. III. Coutinho, Ledeci. IV. Soares, Antônio. V. Radtke, Islair. VI. Menegoni, Cleider. VII. Soares, Daniel. VIII. Wiegand, Nair. IX. Lessa, Daniela. X. Título.

CDU 981.64:572.7

CIP-BRASIL. DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.  
(ANA LUCIA WAGNER - BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL CRB10/1396)

DESCOBI QUE TEM RAÇA NEGRA AQUI



REALIZAÇÃO



Ministério do  
Desenvolvimento Agrário

Programa de Promoção da  
Igualdade de Gênero, Raça e Etnia

APOIO

CAIXA



Pelotas | RS | 2007



Foto: Seu Roberto, da comunidade Armada.

## *Sumário*

<i>Apresentação</i>	09
A Lenda do Galo de Ouro	10
<i>Descobri que tem raça negra aqui</i>	14
Objetivos gerais	17
Objetivos específicos	18
Linhas de trabalho	18
<i>Memória histórica, cultura e etnia</i>	18
<i>Cidadania</i>	18
<i>Espaços de organização comunitária</i>	19
<i>Segurança alimentar</i>	19
<i>Geração de renda</i>	19
<i>Saúde comunitária</i>	19
Metodologia	20
<i>Escravidão e resistência negra em Pelotas</i>	22
<i>Nunca ninguém tinha me escutado</i>	28
Breve histórico da Vila do Torrão	32
Comunidade Maçambique	34
A história da Serrinha - comunidade Monjolo	37
Comunidade da Armada	38
Resultados	40
<i>Eu sei os meus direitos</i>	42
Aprendendo as letras	46
Acesso a políticas públicas	49
<i>Alma grande celebração de vida</i>	50

## Apresentação

COM ESTA PUBLICAÇÃO, QUEREMOS prestar nosso depoimento, lançar nosso olhar e repartir — através do resgate histórico e das imagens — o convívio que nós, do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), tivemos com as comunidades quilombolas Torrão, Monjolo, Maçambique e Armada (no interior dos municípios de Canguçu e São Lourenço do Sul) durante a realização do projeto Pequenos Agricultores Quilombolas. Não temos a pretensão de contar a história de um povo, o povo negro das comunidades quilombolas do território sul do Rio Grande do Sul. Queremos recontar a história destas pessoas, suas tradições, tristezas, discriminação, lutas, alegrias e vitórias.

Retratamos aqui o cotidiano deste encontro, a metodologia utilizada, como se deram as trocas de saberes, de cultura, a mútua descoberta, o respeito às tradições das comunidades, ao seu passado e presente de luta e resistência e a construção de melhores dias. Numa sociedade que teima em não reconhecer a dívida histórica com o povo negro e não estabelece formas de superação das desigualdades, queremos mostrar a esperança sempre renovada de um povo que luta, caminha e não desiste: celebra, canta e conta suas histórias.

A lenda do galo de ouro é talvez a mais repleta de significado desta esperança...

*Parece que o desafio é também a nossa arma que resiste até hoje a todo esse sistema que nos discrimina. E imitando os quilombolas, porque quilombolas somos, desafiamos a 'verdade' histórica que nos contaram até então, recontando uma história ancorada na perspectiva dos netos e bisnetos dos escravos das charqueadas.*

Ledeci Lessa Coutinho,  
historiadora da equipe  
do CAPA.

Foto: Dona  
Olga, da  
comunidade  
Maçambique.

<i>Gosto muito de aprender a capoeira</i>	56
Oficinas de capoeira	60
Oficinas de berimbau	60
Oficinas de toques	60
Oficina de confecção de lança afro	63
Oficina de rap	63
Oficinas de cantigas e vocabulário da capoeira	63
Oficinas de artesanato	63
Resultados	64
<i>A gente não tinha nada, nem tinha mais esperança</i>	66
Prática agroecológica	71
Resultados	72
<i>Como a mulher negra é bonita</i>	74
Resultados	80
<i>Conheça ervas de chá que nem estrelas no céu</i>	82
Resultados	88
Receitas	90
<i>Lendas, histórias e costumes</i>	94
Lendas	97
Histórias	98
Costumes	99
Receitas	100
<i>Contatos</i>	102
<i>Bibliografia</i>	103

## *A Lenda do Galo de Ouro*

MINHA AVÓ CONTAVA QUE LÁ NAQUELE CERRO havia quem visse um galo de ouro, cantando, nas primeiras horas da madrugada. Diziam que quem pegasse o galo ficaria dono de enorme tesouro, já que o galo cantava onde havia ouro enterrado.

Um dia, uma comadre que morava aqui ouviu o galo cantar, e tão lindo era que ela pediu ao compadre que o pegasse para ela. E eles entraram então no mato, atrás do canto do galo.





Mas o galo sempre parecia cantar no galho da próxima árvore... e quando se corria até lá, ele já havia escapado, e estava na árvore mais além. O compadre e a comadre não desistiram até que o pegaram.

Quando isto aconteceu, já era noite alta e eles estavam no meio do mato. E tão lindo era o galo, com as penas douradas, que a comadre, cansada, deitou no chão e, para que não fugisse, descansou a cabeça em cima do galo.

Mas os dois dormiram e o galo fugiu. E quando os compadres acordaram, lá estava o galo a cantar, na próxima árvore...

*História relatada por Ireno Ribeiro, neto de dona Felicidade que fugiu da Estância da Figueira, em Canguçu e criou o núcleo que dá origem à Comunidade Quilombola Monjolo, na localidade de Canta Galo, São Lourenço do Sul.*

*Oloja Oni, mo juba o*

*Senhor deste Dia, meus  
respeitos, eu te saúdo*

*E je mi jise*

*Deixe-nos cumprir a missão*

*Ei Olozumare ran mi*

*Da qual Olozumare nos  
encarregou*

*Bi Elessi Ka gba o*

*Se o Senhor desta vida não o  
impedir*

*Olozumare ase*

*Olozumare nos dê sua aprovação*

*Olozumare a ran rese*

*Possa Olozumare mandar sua  
benção*

*Si i o*

*Para nosso trabalho*





*"A gente achava que era esquecido, o negro era pouco lembrado, depois desse apoio conseguimos nos encontrar. Descobri e outros descobrirão que tem raça negra aqui."*

Clair Flores

*"Estamos unidos, trabalhando com fé, aproveitando esse apoio que nunca tinham nos dado. Eu não falhei uma reunião até hoje. Logo que começou o projeto, veio gente falar que isso era duas coisas que estavam envolvidas: política e religião. Eu disse que toda religião fala em Deus, eu tenho a minha, cada um tem a sua, e a política também. Eu não desisto do projeto."*

José Nilson Fagundes Duarte, nascido em 1947 e falecido no fim de 2006. Seu Nilson foi o animador e uma importante liderança na organização da Comunidade Maçambique, Canguçu.

## Descobri que tem raça negra aqui

OS QUILOMBOLAS CONSTITUEM população numerosa e desassistida, fruto da história do território e do descaso na atualidade, vivendo em condições de abandono, em comunidades rurais de todo o território Sul do Rio Grande do Sul. Temos hoje, na parte sul do Estado, dezenas de pequenos quilombos, com núcleos que variam de três a 100 famílias, vivendo em lugares de difícil acesso e com problemas não muito diferentes do que seus antepassados, fugidos da escravidão.

Possuem características rurais e se inserem na comunidade local de diversas maneiras. Os quilombolas desenvolvem agricultura de subsistência, trabalham como mão-de-obra eventual, junto aos pequenos agricultores e fazendeiros, produzem artesanato tradicional e de utilidade nas lides agrícolas (cestos, peneiras, jueiras, pilão). Poucos adultos são alfabetizados e muitos não têm documentação. Grande parte da população é formada por jovens e crianças.

O próprio Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), que tem um trabalho de muitos anos na região, pouco sabia da existência dos quilombolas - quase invisíveis. Instigado pela Fundação Luterana de Diaconia (FLD), organização que o acompanha, o CAPA iniciou em 2002 um projeto-piloto voltado ao desenvolvimento das

comunidades de remanescentes dos antigos quilombos nos municípios de Canguçu e São Lourenço do Sul. Das 11 comunidades identificadas através de uma rede de relações estabelecidas a partir do trabalho do CAPA junto a agricultores familiares, quatro foram escolhidas para receber o projeto piloto - Torrão, Maçambique, Serrinha e Armada.

O projeto Pequenos Agricultores Quilombolas considerou ações nas áreas de segurança alimentar e agroecologia; saúde comunitária e plantas medicinais; geração de renda; resgate histórico, cidadania, cultura e etnia. Ainda, buscou a participação e representação social deste segmento, como instrumento decisivo de visibilidade pública, para servir como base de reconhecimento e acesso a políticas públicas.

Em 2005, com apoio do Governo Federal, através do Programa de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia (Ppigre) do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), o CAPA avançou no trabalho com o projeto de Fomento às Ações de Assistência Técnica e Extensão Rural, visando à promoção do etnodesenvolvimento sustentável de sete comunidades quilombolas do território sul do Rio Grande do Sul. As atividades incluíram a capacitação e a



qualificação para o avanço das ações na geração de trabalho e renda através da melhoria do artesanato étnico e da venda dos produtos agrícolas; resgate histórico e valorização das expressões culturais e do cotidiano das comunidades; e reforço da identidade étnica.

### Objetivos gerais

Desenvolver, junto a comunidades de remanescentes dos quilombos do território Sul do Rio Grande do Sul, um conjunto de ações com o objetivo de resgatar a autoestima, valorizar a cultura e etnia e proporcionar a busca de melhor qualidade de vida e o etnodesenvolvimento desta população;

Propor espaços de organização das comunidades, dando condições de implementação de políticas públicas afirmativas;

Dar maior visibilidade à existência das comunidades quilombolas no território sul do Rio Grande do Sul.

### Objetivos específicos

Desenvolver estudo preliminar sócio-antropológico, através da identificação da origem genealógica e cultural dos membros das comunidades negras rurais;

Traçar o perfil sócio-econômico e cultural das comunidades identificadas e buscar a sua inserção junto a programas governamentais;

Caracterizar a cultura e a genealogia dos membros das comunidades, para identificá-los com os antigos remanescentes de quilombos;

Desenvolver ações de segurança alimentar, geração de renda e de melhoria da qualidade de vida;

Resgatar a história das comunidades e valorizar as manifestações culturais próprias, buscando o resgate da autoestima;

Proporcionar o contato e trocas de experiência com outras comunidades negras organizadas, possibilitando o encontro e a reconstrução da sua identidade;

Organizar encontros locais entre as comunidades negras rurais e um encontro territorial;

Criar um arquivo com fotografias etnográficas das comunidades, editar um livro de fotos e realizar mostras fotográficas.

## LINHAS DE TRABALHO

### Memória histórica, cultura e etnia

Resgate da história dos afro-descendentes e sua origem nas nações independentes da África;

Recuperação da memória histórica e valorização do papel que cumpriram no desenvolvimento regional;

Registro da sua memória, costumes e habitações;

Integração de jovens e crianças através do incentivo às manifestações culturais próprias: música, dança, artesanato.

### Cidadania

Identificação e inserção em programas governamentais existentes;

Incentivo à organização e busca de reconhecimento;

Acesso a políticas públicas direcionadas a estas populações;

Estabelecimento de parcerias com órgãos públicos para ações de inclusão social: documentação, alfabetização, moradia, luz e água.

### Espaços de organização comunitária

Realização de encontros locais de identificação dos problemas, necessidades e potenciais das comunidades;

Incentivo na participação em conselhos e eventos ligados à temática das comunidades quilombolas;

Promoção de viagens de estudo e troca de experiências para integração dos membros das diversas comunidades;

Organização de um encontro territorial com a presença de representantes de todas as comunidades quilombolas identificadas no território sul do Rio Grande do Sul.

### Segurança alimentar

Apoio na melhoria da produção para o consumo, valorizando a diversificação e proporcionando sementes e tecnologias apropriadas;

Formação em alimentação alternativa com o uso de produtos locais;

*...Eu achava que ia morrer sem conhecer Porto Alegre, tive sorte, passamos três dias lá num seminário, de dia se fazia o que tinha que fazer e de noite a gente dava nossas caminhadas, mas aí era folga do seminário. Esses seminários são bons para nos mostrar e dizer que somos aqueles que precisamos.*

José Nilson Fagundes Duarte



Ações emergenciais para famílias em condições de risco.

#### Geração de renda

Apoio na melhoria da produção agrícola para o mercado pelo acesso a sementes crioulas e insumos agroecológicos;

Formação em agroecologia;

Assistência técnica na produção;

Busca de mercados para produção;

Participação das mulheres quilombolas através da promoção de fontes alternativas de renda, como o artesanato.

20

#### Saúde comunitária

Implementação de ações de saúde preventiva;

Ações de saúde alternativa, com o uso de plantas medicinais e seus produtos;

Parceria com órgãos públicos para acesso aos programas de saúde.

#### METODOLOGIA

O CAPA tem, entre suas prioridades, práticas relacionadas às questões étnicas,

empregando o conceito de etnosustentabilidade (desenvolvimento etnosustentável). O CAPA compreende que cada comunidade tem um perfil específico e deve ser valorizada como verdadeira protagonista na construção de modelos de desenvolvimento alternativos. A diversidade – não apenas biológica, mas também cultural, étnica e religiosa – é decisiva para a manutenção da vida. Sem diversidade é impossível construir independência e autonomia, considerando-se que a diversidade não se limita a questões técnicas e biológicas, mas abrange especialmente as características próprias das diferentes etnias. Significa levar em conta a maneira com a qual as comunidades lidam com a realidade: sua língua, suas histórias, religiosidade, crenças, tecnologia, relações de poder, entre outros. (*Transcrição parcial da carta de São Lourenço, seminário temático do Consórcio CAPA 2004*).

O projeto junto aos quilombolas foi realizado de forma multidisciplinar. A elaboração de um diagnóstico da realidade – perfil de entrada – serviu como instrumento para a realização de todas as atividades. O perfil de entrada organizou dois tipos de informação: os ramos familiares e o diagnóstico da situação das comunidades.

**RAMOS FAMILIARES** – Compreende a composição estrutural dos membros de uma família, caracterizando a árvore genealógica da história familiar, com seus respectivos nomes e

parentescos;

**DIAGNÓSTICO QUILOMBOLA** – Registra o número de famílias pertencentes a uma determinada comunidade quilombola, bem como a origem do nome daquela comunidade, sua localização territorial, a organização social e política, as associações que constituem aquela comunidade, as atividades econômicas, a estrutura da comunidade, os hábitos religiosos e culturais, os métodos utilizados na saúde e na educação dos membros.

Para qualificar a sua atuação no projeto, a equipe técnica do CAPA passou por uma formação específica, participando de vários cursos, seminários e oficinas nas áreas de antropologia, cultura, educação de adultos, artesanato, metodologia do trabalho popular, entre outras. ■

21



Foto: crianças da Serrinha - comunidade Monjolo



Os patrões pediam  
 um toquinho  
 para acender o  
 cigarro. O negro  
 vinha com a  
 brasiinha assien  
 na mão, passando  
 de uma para a  
 outra, passando...  
 eles iam largar na  
 pira-brasa ....  
 Apirna a brasa  
 aí! Acendia o  
 cigarro com a  
 brasa acesa na  
 palma da mão,  
 para eles aprender  
 a não trazer fogo  
 na palma da  
 mão. Queimava  
 o negro toda a  
 mão! De tímida  
 que era o  
 velhinho, aqui  
 que acendesse o  
 cigarro! Aquilo,  
 estava  
 queimando, a  
 dor... o negro se  
 urinando até de...  
 de dor!

Luíza Dornelles, descendente direta de  
 escravos, sobre o tratamento dispensado  
 nas charqueadas gaúchas.  
 (Extraído do livro Os filhos da Escravidão)



*Era triste,  
Aqueles  
homens não  
podiam...!  
naquele  
calorão, não  
podiam  
limpar o  
suor, só  
faziam  
assim e  
assim (sinal  
com os braços  
para secar o  
suor com a  
manga da  
camisa) e  
eles não  
podiam  
atender o  
suor, sempre  
trabalhando.*

Luíza Dornelles, descendente direta de  
escravos, sobre o tratamento dispensado  
nas charqueadas gaúchas.  
(Extraído do livro Os filhos da Escravidão)

## *Escravidão e resistência negra em Pelotas*

EM NENHUM OUTRO PAÍS DO NOVO Mundo a escravidão teve vida tão longa como no Brasil, que se caracterizou por ser o último país a aboli-la, no ano de 1888. No contexto escravista, o Rio Grande do Sul ocupou um lugar de destaque a partir de 1700, com a entrada dos primeiros escravos negros no Estado. De acordo com o pesquisador Guinter Weimer, baseado nos dados do primeiro livro de registros de batizados da cidade de Rio Grande, o negro participou da formação da sociedade gaúcha desde o início da colonização: das 977 crianças registradas, a quinta parte tinha sangue negro. Em 1814, a população estadual era de 70.653 habitantes, sendo 20.611 escravos. Na época, as cidades de Pelotas, Piratini e Porto Alegre apresentavam uma população negra em maior número do que a população branca. Em Piratini, de 3.673 habitantes, 1.615 eram escravos e 352, “libertos”. Em Pelotas, de 2.419 habitantes, 1.302 eram escravos e 247 eram “libertos”.

Neste período, Pelotas e Rio Pardo começavam a se destacar como grandes centros charqueadores. Rio Grande, Pelotas e Piratini formavam o segundo maior contingente populacional da província. Até 1780, a maioria da

população escrava trabalhava nas fazendas que tinham uma produção agrícola de subsistência; depois deste ano, com a consolidação da indústria saladeiril e por ocasião da criação da primeira charqueada em Pelotas, os escravos passaram a ser utilizados em grande escala.

Até 1780, o ato de charquear era artesanal. Um processo de caráter industrial ocorreu, pelo que consta, a partir daquele ano, com as atividades do primeiro charqueador, Pinto Martins, nas regiões do Arroio Pelotas. As primeiras charqueadas eram toscas e de indústria acanhada. Após a retomada de Rio Grande pelos portugueses dos espanhóis, a produção de carne-seca assumiu um caráter manufatureiro. Comercializava-se carne, couro, sebo, graxa etc.

As condições de vida e trabalho na indústria charqueadora afastavam qualquer possibilidade de utilização do homem livre na produção. A charqueada assentava-se na exploração do trabalho excedente. As extenuantes horas de trabalho e a intensidade da produção faziam com que, nos quadros da economia colonial, o escravo fosse a única solução para se obter mão-de-obra trabalhadora.

Não havia exclusão de sexo ou idade na produção, embora fosse

evidente a predominância do homem. A razão? As mulheres grávidas “diminuíam” o ritmo ao esperar que as “crias” atingissem a idade para trabalhar (12 a 13 anos), o que se tornava oneroso, considerando que um escravo vivia, após chegar ao Brasil, cerca de cinco a sete anos.

Através da imposição disciplinar e a violência manifesta é que foi obtido o trabalho escravo. Era o senhor que dispunha da vestimenta, alimentação, moradia, tempo e até das relações sexuais. O escravo era submetido a todo tipo de tortura física, moral e psicológica. As punições corporais funcionavam como forma de controle social, e o aparato repressivo compreendia vários e eficazes mecanismos. Nas fazendas, feitores e administradores coagiam o negro ao trabalho, vigiando continuamente, sempre alertas a qualquer sinal de rebeldia.

As fugas individuais ou coletivas eram a forma mais comum e mais característica da resistência. O cerne do núcleo charqueador pelotense, formado pelos matos na Serra dos Tapes, o Arroio Quilombo, o Passo dos Negros, proporcionava a concentração de um grande número de escravos. A fuga de cativos que aparecia diariamente nos jornais da época indica a probabilidade de terem existido na região, em diferentes períodos, diversas concentrações quilombolas.

O Arroio Quilombo, afluente do Arroio Pelotas, foi o espaço adequado para a formação de quilombos. Os escravos fugidos das

charqueadas podiam aquilombar-se nos matos da região, no complexo das coxilhas e serras no dorsal do Canguçu, onde a vegetação e a caça eram abundantes. Uma das características mais constantes era a mobilidade dos quilombolas: estes se abrigavam em pequenos ranchos feitos de palha, cobertos de capim santa fé, que podiam ser facilmente abandonados com a aproximação das tropas repressoras. Não se dedicavam a nenhuma atividade produtiva, vivendo quase que exclusivamente das expropriações das propriedades dos charqueadores escravistas. ■

Foto: casa da  
Dona Hilda, da  
Armada.

*Nunca  
ninguém  
tinha me  
escutado  
com  
tanta  
atenção e  
dedicação,  
nem  
meus  
netos...*

Flórcia Soares de Oliveira





Foto: Seu João, da  
Serrinha -  
comunidade  
Monjolo.

## *Nunca ninguém tinha me escutado*

NO PROJETO PEQUENOS Agricultores Quilombolas, o objetivo da obtenção da memória histórica foi resgatar e registrar a história e a origem das quatro comunidades atendidas, estabelecendo-se uma fotografia do seu modo de vida e de trabalho. A memória histórica foi constituída e completada a partir de entrevista domiciliar feita com os membros mais idosos dos ramos familiares, o que permitiu aprofundar as histórias e mitos da criação dessas comunidades, costumes e relações interpessoais. A narrativa dos anciãos

está assentada em um caráter de respeito e autoridade entre os membros da comunidade. As novas gerações reconhecem, na palavra do “velho”, sabedoria e poder que derivam dos ancestrais. ▸





## Breve histórico da Vila do Torrão

A CHAMADA VILA DO TORRÃO, SITUADA NA localidade do Cantagalo, é constituída por 15 famílias. Durante as visitas realizadas ao município, a equipe do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) tomou conhecimento de um outro agrupamento de famílias negras próximo à Vila do Torrão, chamado Faxinal. Através da reconstituição da formação daqueles agrupamentos, pelo relatório oral de uma ex-moradora que reside hoje na periferia de São Lourenço do Sul, constatou-se que os dois agrupamentos se originaram de um mesmo processo de fuga e busca de refúgio por parte de escravos negros. O território teria sido um só no passado e hoje as famílias de ambos os locais são unidas por laços de parentesco muito próximos.

Maria Luiza Soares, a dona Nena, residiu no Faxinal até a adolescência, tempo suficiente para assimilar de seus avós maternos, João Ferreira e Maria Custódia Ferreira, a memória de uma fuga de escravos que resultou na formação da várias comunidades quilombolas em São Lourenço. “É. Eu sei que fugiu um lote do município de Canguçu, cá onde tinha os escravos. A minha avó tinha um buraco assim, eles botavam o cadeado, que pecado! Eu acho que fugiram uns 12, 13 ou mais ou menos, fugiram”. Ao chegar a uma

altura do caminho, durante a fuga, este grupo de escravos teria se subdividido, de forma a dificultar o resgate, e formado vários núcleos de moradia. Apesar dos moradores mais novos da Vila do Torrão não terem relatado a história da fuga de seus antepassados, fazem referência à origem deles como sendo do município de Canguçu.

O depoimento de dona Nena pode elucidar tanto o processo de legitimação da posse da terra através da compra quanto do posterior processo de expulsão dela: “*ai ele (avô) ganhou um dinheiro e comprou aquelas terras. O pior é que ele comprou só de boca, não fizeram papel: Ah, eu vou vender essas terras pra ti, é tanto. Ele deu o dinheiro. Portanto, eles não podiam correr com a minha mãe de lá. Eles não podiam ter escorraçado a mãe de lá. Escorraçaram feito um bicho, se adonaram das terras; isso eles não podiam ter feito*”. Dona Nena vivenciou diretamente este processo, juntamente com sua mãe e irmãs, o qual teria ocorrido após a morte de seus avós maternos: “*correram a gente de lá, ameaçando até de matar. É, eles rondavam a volta da casa de noite e provocavam e diziam que iam nos matar, que iam fazer um buraco e enterrar e ninguém ia ficar sabendo, que é negro mesmo*”.

Ainda hoje, grande parte dos moradores não possui registro de suas terras, cujas áreas são diminutas (média de um hectare por família). A sobrevivência é buscada no trabalho diário em lavouras e fazendas das redondezas,

*Eu sei que fugiu um lote do município de Canguçu, cá onde tinha os escravos. A minha avó tinha um buraco assim, eles botavam o cadeado, que pecado!*

D. Nena, 66 anos, ex-moradora do Faxinal.



embora se plantem hortas e pequenas roças com produtos que visam à subsistência. Em 2006, foi instalada energia elétrica através do programa Luz para Todos do Governo Federal.

## Comunidade Maçambique

SÃO APROXIMADAMENTE 55 AS FAMÍLIAS DE afro-descendentes que residem no Rincão do Progresso, mais especificamente em torno da Serra dos Almeida, Cerro do Quilombo e do Cemitério Maçambique. De acordo com os atuais moradores, o primeiro sepultamento realizado neste cemitério foi de um escravo chamado Maçambique. Dona Florícia Soares de Oliveira, atualmente com 96 anos, nasceu e cresceu no Cerro do Quilombo. Ela conta que o enterro de Maçambique é anterior ao seu nascimento. Ela teria conhecido, quando criança, somente “avô Jacó”, filho de Maçambique.

Palavras da “Vó” Florícia, como é chamada pelos membros da comunidade e considerada ancestral comum entre eles: *“Lembro, me lembro, ele era um velho que todo mundo conhecia. Morava aqui perto. Botaram o nome dele de Maçambique. Aí o velho morreu e sepultaram ele aí no cemitério. O cemitério ficou com o nome*

*de Maçambique. Eu me lembro dele. Era preto, um velhinho, assim como eu me lembro do finado Calisto, finado Jacó, que era o pai do tio Calisto e parece que era o pai do Maçambique ou o Maçambique era o pai dele. Uma coisa assim. Eram da mesma gente. E ficaram aí neste cemitério aí, né? Deram o nome de Maçambique ao cemitério por que foi o primeiro que sepultaram”.*

Pesquisa histórica realizada a partir do movimento de resistência dos escravos das charqueadas pelotenses confirma a presença de antigos quilombos na Serra dos Tapes, como o quilombo itinerante de Manuel Padeiro, líder de escravos fugidos. Outros nomes de líderes da resistência, entre os quais Alexandre Moçambique (capitão), Francisco Moçambique e Benedito Moçambique, também registram o que podemos afirmar da origem destas comunidades, localizadas no atual município de Canguçu.

Pelos dados históricos, fica evidente a origem e descendência dos negros da atualidade a partir do antigo quilombo existente no que se chamava Dorsal do Canguçu. O local de sepultamento de Maçambique é apenas uma das várias referências a antepassados escravos (ou ex-escravos) que se estabeleceram no local. A própria dona Florícia refere que, com certeza, um dos seus bisavós paternos foi escravo e era conhecido como “vovô Fagundes”. Sobre a avó, Marcimiana Soares Louzada, não tem certeza se esteve escravizada ou se somente reproduzia as

histórias que o pai lhe contava.

No processo de reconstrução da história e memória coletiva desta comunidade, de sua origem na ancestralidade escravizada, quando tomou conhecimento deste fato, a comunidade decidiu em assembléia adotar o nome de comunidade quilombola Maçambique em homenagem ao antepassado reverenciado pelos quilombolas, enterrado no cemitério local.

É importante ressaltar que tal local, ainda hoje, pode ser caracterizado como de difícil acesso, sendo que até idos de 1970, época em que se abriu uma estrada, as famílias negras viviam relativamente isoladas por aquelas serras. Encontram-se espalhadas em vários “corredores” e/ou estradas e nem todas residem em terras próprias. As que possuem terra ocupam áreas que não chegam a 10 hectares (área que, em certos casos, abriga mais de um núcleo familiar). Muitas residências ainda são de barreado, mas estão sendo substituídas por casas de alvenaria, através de financiamento da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). A exigência de que as antigas casas de barro sejam destruídas para o controle do “bicho

Foto: túmulo de  
Maçambique.

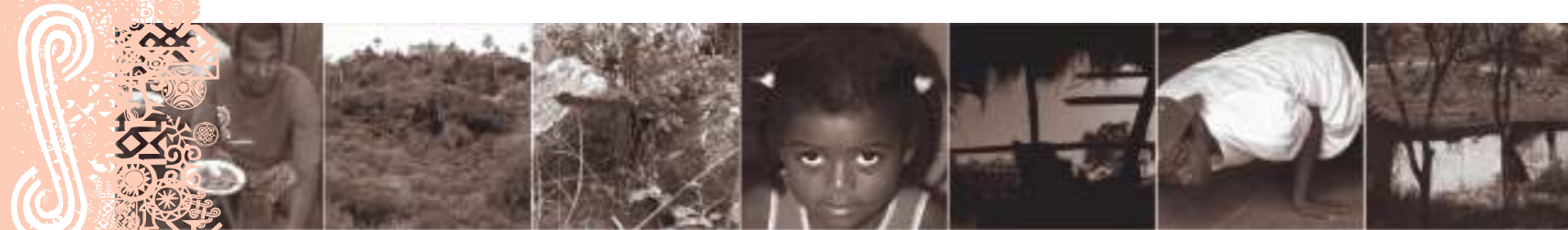




Foto: cerro do  
Canta Galo.

“barbeiro” (transmissor da doença de Chagas) pode comprometer a preservação de um patrimônio etnocultural importante para a caracterização do grupo.

A dispersão das famílias não tem inviabilizado a mobilização das mesmas em torno de uma proposta de trabalho que leva em consideração a especificidade etnoracial do grupo, buscando a melhoria da qualidade de vida através de intervenções que visam ao resgate e valorização da memória e de aspectos culturais, a organização política e a sustentabilidade no âmbito produtivo.

A plantação e a criação de animais para subsistência se constitui no principal meio de vida e a tradição no exercício desta é um elemento fundamental a ser potencializado na elaboração de projetos. O trabalho como diaristas nas lavouras de agricultores da região e a aposentadoria são outras fontes importantes de renda. Dentre os problemas identificados pelos moradores, destacou-se a falta de energia elétrica.

### *A história da Serrinha - comunidade Manjola*

A ÁREA ONDE RESIDEM AS 15 FAMÍLIAS DA comunidade da Serrinha é formada por “posses” que, há varias gerações, vêm

sendo transmitidas através de “troncos” familiares. Na ocasião do falecimento de um familiar, raramente se recorre ao inventário: os considerados herdeiros, segundo critérios estipulados pelo grupo, acordam entre si o pedaço que cada um ocupará, do que antes pertencia ao seu antecessor. As posses são contíguas umas das outras e estão situadas em áreas de difícil acesso, com densa capoeira e terreno acidentado.

A origem da comunidade é a mesma da Vila do Torrão, que nasceu de um antigo refúgio de escravos. A origem comum é visível pela relação de parentesco entre as três comunidades, atualizadas por casamentos entre pessoas que nasceram em comunidades distintas.

Também na Serrinha foram encontradas referências de continuidade nas relações entre escravos fugidos e escravos ainda cativos do município de Canguçu, na fazenda chamada Estância da Figueira, que ainda hoje aparece na memória coletiva dos negros como sendo um local de muito sofrimento refazendo um inconsciente coletivo do período da escravidão ligado ao tratamento dado aos escravos naquela fazenda. A trajetória familiar de Ireño Ribeiro é um exemplo: sua mãe Otília Quevedo Ribeiro, falecida há 30 anos, na idade de 65, era filha de Felicidade Rodrigues de Quevedo, uma ex-escrava. Otília já residia na Serrinha quando o pai de Ireño, Idaulino Ribeiro, fugiu do



cativeiro no município de Canguçu e, ainda criança, rumou para aquele local, auxiliado por outros escravos e ex-escravos. Seu Ireño ainda guarda na memória as histórias que sua avó contava: *“lembro sim, o nome da fazenda era Estância da Figueira, e minha avó lembrava disso com muita tristeza e sofrimento, do trabalho que passaram por lá”*.

Além da referência a estas fugas de escravos de Canguçu, é possível que o local tenha se constituído a partir da ocupação espontânea de escravos alforriados: Felicidade Rodrigues de Quevedo aparece como uma antepassada comum à maioria das famílias quando se procede à reconstituição das genealogias e, segundo o depoimento de seu neto Ireño, ela teria comprado a área na qual vivia, onde Ireño reside até hoje.

O espaço ocupado pelas 15 famílias é usado para o cultivo de pequenas roças e criação de animais para o consumo, sendo o trabalho de diarista uma fonte importante de renda. Apenas algumas famílias da comunidade são servidas com rede de energia elétrica e o acesso à água se dá através de arroio e poços rasos. Algumas casas de alvenaria estão em boas condições de uso, mas outras são de construção antiga e precária; destacam-se algumas casas de barreado em desuso.

Seu Ireño conta que o arroio que se chama Monjolo tinha um pilão que funcionava com a força da água. A avó dele vendeu a produção de milho e trocou por terra para

umentar a produção. Quando veio a família Schultz, esta registrou as terras como suas, assim sua avó perdeu as terras por não ter registro. Por isso, hoje a comunidade recupera sua história e começa a se chamar Monjolo.

## Comunidade da Armada

A FORMAÇÃO DE UMA TERRITORIALIDADE NEGRA dos grupos que vivem localizadas no Cerro Pelado, Cerro das Velhas e Campo do Estado, localizadas no 5º Distrito de Canguçu, remete à origens distintas. Seu Geraldo, um dos moradores mais antigos do Cerro Pelado, esclarece que muitas das famílias fundadoras moravam em terras de fazendas da região como criados ou “meio cativos”. No decorrer do tempo, os fazendeiros iam propondo que o cativo trocasse a pequena área de campo por uma chacinha em cima de um morro pelo motivo óbvio da primeira área ser plana e a segunda ser íngreme e cheia de pedras, não despertando por isso o interesse de uso por parte de pecuaristas e granjeiros.

Este processo teria ocorrido principalmente com os “criados” das famílias de estancieiros Pereira, Mendes, Oliveira e Mattos. Os depoimentos sustentam a hipótese do Cerro Pelado ter sido um local de refúgio de ex-escravos logo após a abolição da escravatura no Brasil. Permanece forte na memória a figura de

Antônio Mateus, um dos moradores negros antigos da comunidade, que chegou a alcançar o posto de major e teria participado de algumas revoltas (conforme atesta a lápide do túmulo em cemitério local).

Outros antepassados são lembrados como guerreiros, o que leva também à hipótese da origem da terra estar relacionada a recompensas pela participação em guerras, principalmente na Revolução Farroupilha. Em pesquisa realizada em fontes históricas oficiais do município, levanta-se a hipótese de que muitos dos negros que participaram do Corpo de Lanceiros Negros eram originários desta região. De acordo com relato do historiador militar de Canguçu, coronel Cláudio Moreira Bento, um dos corpos da guarda de Lanceiros Negros, comandado por um revolucionário de Canguçu, foi o mais combativo e o que mais resistiu no período da Revolução.

Hoje, cerca de sete famílias vivem no Cerro Pelado, mas pelos relatos dos atuais moradores, no passado o morro era tomado de ranchos de famílias negras (chegando a um total de 40). As famílias atuais possuem cerca de três hectares onde plantam para subsistência. Em 2004, receberam moradia e outros bens (vacas de leite) do Programa RS Rural/ Agricultura Familiar, ocorrendo, no entanto um processo de manutenção das antigas casas de barreado, muito usadas na identificação daquele território como sendo “dos morenos”. Nenhuma família é servida com rede elétrica e há um problema crônico de falta de acesso à água potável.

O agrupamento de Cerro das Velhas originou-se de uma estância que pertencia a duas irmãs solteiras. Os “cativos” destas senhoras *“foram se casando e foram arrumando morada e foram se apoiando ali”*, conforme Ilda

de Matos, nascida em 1916 e falecida em 2005. Não fica claro, pela pesquisa muito incipiente, se houve “deixa” através de testamento para as famílias escravas, mas são fortes as indicações de que as famílias negras atuais descendem dos escravos destas senhoras. Cenívia Ribeiro Mendes, atual moradora de Cerro das Velhas, refere que as avós materna e paterna passaram pelo cativeiro (Dona Isméria Peixoto, a avó materna, teria falecido com 115 anos quando Cenívia tinha 12 anos) e serviram as “velhas” que residiam no cerro que dá nome ao lugar: *“ela conta que, naquele tempo, as duas velhas reuniam todo a negrada assim para rezar, orar, tudo. Se diz que eram muito devotas. Também se diz que uma das velhas era muito carrasca, a outra não”*.

No Cerro das Velhas residem hoje aproximadamente 13 famílias negras, numa área que não ultrapassa os 10 hectares por família. Plantam para a subsistência e alguma coisa para venda (fumo). Algumas poucas famílias ainda residem em casas de barreado; outras em casas de madeira, em razoável estado de conservação.

No Campo do Estado moram quatro famílias negras que foram assentadas na década de 60, durante o Governo Leonel Brizola. Apesar dos antepassados não terem nascido no local, mas sim em outras localidades do município de Canguçu (Estância da Figueira etc), elas vêm participando da organização da comunidade quilombola. Estão mais bem estabelecidas em termos de infra-estrutura para a produção, pois possuem lotes de 24 hectares. Necessitam, no entanto, de formas de acesso à água potável, pois fazem uso humano de água do arroio no qual eram despejados restos de agrotóxicos e outros dejetos.

No Cerro Pelado e Cerro das Velhas, a principal fonte de renda é o trabalho como



diarista, garantido somente de outubro a dezembro e de março a abril, devendo-se potencializar os esforços que já vem sendo feitos no sentido de viabilizar alternativas na geração de renda. A atual organização das famílias negras, visando este e outros objetivos, não deixa de ser uma garantia para os esforços do poder público empreendidos nesta direção.

## Resultados

COM UMA EQUIPE TÉCNICA MULTIDISCIPLINAR, integrou-se as várias dimensões do trabalho na prática cotidiana das comunidades quilombolas. O reconhecimento e a valorização da história e do registro da memória dos ancestrais passaram a ser uma consequência da ação da equipe do CAPA na comunidade. Um relatório detalhado e documentado foi enviado à Fundação Palmares para o pedido de reconhecimento das quatro comunidades onde o trabalho foi desenvolvido.

A integração de jovens e adultos através da promoção de encontros e seminários foi mais um avanço. A valorização dos trabalhos em grupo e o respeito pela diversidade cultural e a peculiaridade de cada comunidade nortearam o crescimento da auto-estima dos envolvidos nas dinâmicas e oficinas.

A formação de comissões em cada comunidade possibilitou uma melhor organização para a preparação dos encontros e debates, incentivando o acesso a políticas públicas e o esclarecimento sobre os direitos trabalhistas. As comunidades passaram a organizar suas necessidades, encaminhando-as para órgãos públicos competentes, o que gerou uma atitude cidadã frente à sociedade. ■



Foto: comunidade da Armada.

*Tenho 65  
anos e estou  
aprendendo  
a ler e  
escrever.  
Não sabia  
nada, já sei  
escrever o  
nome dos  
meus netos  
e dos meus  
filhos. Eu  
sei os meus  
direitos, eu  
já conheço  
as letras e  
na banca  
eu já boto  
a senha,  
não preciso  
mais pedir  
ajuda para  
os outros.*

Tereza Couto de Matos





Foto: Dona Cleusa, da Serrinha - comunidade Monjolo.

## *Eu sei os meus direitos*

O RESGATE DA CIDADANIA DA POPULAÇÃO quilombola - através do incentivo à organização, educação/alfabetização de jovens e adultos e o acesso a políticas públicas - complementou o trabalho relativo à memória histórica. A equipe do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), após estabelecer um mapa social das quatro comunidades envolvidas, estimulou o resgate e a valorização de conceitos, costumes e práticas, com o conseqüente aumento da auto-estima da população atendida. O levantamento de dados e a recomposição histórica da cultura e da produção possibilitou também atuar no desenvolvimento de políticas públicas afirmativas, buscando o desenvolvimento sustentável e mantendo ao mesmo tempo as características culturais das comunidades. As atividades de busca da cidadania dos

quilombolas aconteceram através da troca de experiências, realização de encontros locais e regionais, permitindo o intercâmbio entre os diversos fazeres e hábitos de cada localidade, o confronto dos costumes e histórias de seus ancestrais e a troca de produtos manufaturados produzidos pelas famílias. Com isso, foi possível discutir sobre a história e realizações dos negros no Brasil, suas lutas e conquistas, a formação dos quilombos e a cultura que estes preservaram, reforçando a identidade das comunidades e suas raízes. ▸

## Aprendendo as letras

NO QUE SE REFERE À ALFABETIZAÇÃO, A PROPOSTA do projeto Pequenos Agricultores Quilombolas foi que a formação deveria ser feita por membros das próprias comunidades beneficiadas. Desta forma, selecionou-se educadores populares, que passaram por um treinamento nos primeiros meses do projeto. O diagnóstico inicial mostrou que 35% dos adultos das quatro comunidades não eram alfabetizados; muitas crianças haviam freqüentado só a primeira série do ensino fundamental (os pais retiraram os filhos do colégio para poderem auxiliar na lavoura, uma questão de sobrevivência; ou então porque não havia escola perto); entre outros.

A partir de um teste sóciopsicogênese da língua escrita se detectou os níveis nos quais os educandos se encontravam. O teste foi feito individualmente, em reuniões nas comunidades. A partir daí, o projeto passou a identificar possíveis educadores quilombolas para ajudar na tarefa de alfabetização e, logo após, foram selecionados os tópicos da formação: educação popular na perspectiva freiriana; papel do educador popular; educação de jovens e adultos na prática popular; como escolher temas e como trabalhar; noções básicas de letramento. A formação desses educadores foi feita em reuniões nas comunidades.

## Resultados

Em maio de 2004, os educadores assumiram as turmas de alfabetização. Mesmo enfrentando dificuldades as grandes distâncias até a escola, a serem vencidas a pé; a falta de luz para as aulas à noite; falta de um lugar adequado para o funcionamento das aulas os alunos aprenderam a ler e escrever, cada um no seu ritmo. Alguns freqüentavam as aulas mesmo sabendo ler, pois queriam aprender a matemática. “As aulas são boas e eu consigo aprender depois de velha, a professora diz que eu consigo”, afirmou Vanilda, 53 anos. ▶

*Eu só queria que, quando eu tivesse 25 anos, vocês tivessem chegado. Hoje, com 65, eu penso que a minha vida teria sido diferente se tivesse recebido esse apoio quando era jovem. Por isso eu digo para os mais novos valorizar, porque eu tenho essa idade e nunca vi isso antes, nunca tive apoio e agora estou aprendendo as letras, a pintar e tomara que não acabe tão cedo.*

Tereza Couto de Matos



Foto: Dona Gueta, da comunidade Armada.





*Nos seminários, a gente conhece um monte de gente que está reunida pelo mesmo objetivo, lutar pelas comunidades negras, os quilombos.*

Olga Prestes Rodrigues

## *Acesso a políticas públicas*

NESTE ÍTEM, O OBJETIVO PRINCIPAL do projeto desenvolvido pelo CAPA foi criar comissões em cada comunidade, buscando preparar representantes que participassem de debates, de reuniões voltadas ao povo negro e de outros espaços de interesse dos quilombolas.

Foi a área do projeto onde se obteve os avanços mais significativos. Depois de dois anos de trabalho (em 2004), cada comunidade formou um conselho que as representa em diferentes espaços. Todas as quatro comunidades acessaram (e estão acessando) políticas públicas dos governos municipal, estadual e federal. Pelo Governo Estadual, através do RS Rural, receberam apoio financeiro para a compra de implementos. Benefícios do Governo Federal e Municipal contribuíram para a construção de casas e instalação de energia elétrica.

Em dezembro de 2004, Paulo Rodrigues de Quevedo, do Torrão, representando as comunidades quilombolas, e a coordenadora do CAPA Pelotas, Rita Surita, estiveram em Brasília, com diversas entidades quilombolas e ministros para assinatura de convênio com a Secretaria Especial de Igualdade de Gênero, Raça e Etnia ligada a Presidência da República. Em Brasília,

Paulo foi para tribuna, falando em nome das comunidades quilombolas brasileiras..

## *Resultados*

Entre as conquistas, pode-se citar participação no Programa RS Rural; a busca de direitos dos quilombolas no programa bolsa família, junto aos municípios de Canguçu e São Lourenço do Sul com seus conselhos municipais; esclarecimentos sobre direitos do trabalhador; encaminhamentos de carteiras de identidade, confeccionando atestado de pobreza a fim de que os quilombolas tivessem acesso gratuito, inclusive isentos de passagem de ônibus através de acordo feito com a empresa de ônibus; coleta de dados e assinaturas para viabilizar o acesso ao programa Bolsa-Seca do Governo Estadual; levantamento nas comunidades sobre o número de famílias e distância entre as casas e a rede elétrica, a fim de mapear os quilombos para levantar viabilidade e custos para execução do Programa Luz Para Todos e Mutirão de Documentação da Trabalhadora Rural do Governo Federal; levantamento e monitoramento, junto às comunidades, para licitação de compra de materiais de construção do projeto RS Quilombola. ■



*Este encontro  
marcou a  
minha  
vida, na  
hora dos  
tambores, aí  
foi mágica,  
eu, através  
do som, fiz  
uma  
viagem de  
volta à  
África. Foi  
bom, me  
deixou em  
paz, bem  
leve, meu  
corpo ficou  
paralisado e  
a cada  
batida eu  
agradecia  
por estar ali  
ou seja lá  
na África.*

Dona Luiza, da comunidade  
Armada.





Foto: Terno de Reis, comunidade Torrão

*A manifestação histórica cultural de Terno de Reis na comunidade quilombola do Torrão remonta à sua própria origem. Segundo depoimento dos quilombolas, esta manifestação acontece desde que os mesmos tinham tenra idade. Muitos contam que já acompanhavam seus pais na visita em casas dos vizinhos nas noites de 01 a 06 de janeiro, onde visitam as famílias da vizinhança e recebem oferendas em agradecimento pela anunciação do nascimento de Cristo. Em cada casa que chegam tocam seus instrumentos e cantam anunciando o nascimento de Jesus Cristo e a trajetória de Nossa Senhora até Belém.*

## Alma grande celebração de vida

O INTERCÂMBIO ENTRE OS DIVERSOS fazeres e saberes de cada localidade foi um item importante do projeto desenvolvido pelo Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA). Como resultado do crescente anseio das comunidades de trocar experiências, realizou-se o I Encontro Regional de Comunidades Quilombolas, em fevereiro de 2004, no município de São Lourenço do Sul (RS). A proposta teve resultados tão significativos que se pensou em organizar um novo encontro, mais amplo, envolvendo os 26 municípios do território sul do Rio Grande do Sul. Assim, no dia 17 de setembro de 2005, acontecia o II Encontro Regional das Comunidades Quilombolas do Território Sul do RS, reunindo 1.300 quilombolas em São Lourenço do Sul.

O painel intitulado “Políticas Públicas para as Comunidades Quilombolas” contou com a participação de representantes do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), Companhia de Geração Térmica e Energia Elétrica (CGTEE) e a Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul. Os temas abordados foram a Titularização e Regularização Fundiária das Terras de Remanescentes de Quilombos; Programa Luz para Todos, Projetos de Responsabilidade Social, Projeto de Desenvolvimento Etnosus-

tentável das Comunidades Quilombolas do Território Sul do Rio Grande do Sul e Qualificação da Metade Sul; Ações de Inclusão e Desenvolvimento das Comunidades Quilombolas em São Lourenço do Sul.

O grande evento contou ainda com apresentações culturais, que possibilitaram um (re)encontro com a mãe África, através de manifestações de dança, religiosidade, integração solidária com outras etnias, jogos, brincadeiras e culinária típica no almoço, foi servido carreteiro de charque, quibebe, feijoada. A manifestação de grupos afro da região permitiu uma maior integração das comunidades quilombolas e representantes do movimento negro organizado.

Ao longo do dia, os participantes tiveram espaços de diálogo, troca de experiências e de conhecimentos e mostra de produtos artesanais. Também houve troca de sementes crioulas, típicas da região.

No encerramento, presenciou-se uma “aula musicada” da história do Brasil, enfatizando a participação do povo negro brasileiro na formação do país, bem como sua contribuição em todo o contexto sócio-político e cultural na construção da sociedade contemporânea, despertando o senso



crítico, auto-afirmação e o respeito.

A aula-musicada “Contando a verdade e cantando a História” desmistificou, através das músicas, das poesias e dos textos, a historiografia oficial. A metodologia inovadora e envolvente trabalhou os conteúdos programáticos de forma lúdica e artística, flexibilizando a relação dos diferentes, permitindo uma melhor compreensão do tema abordado.

O início do encontro teve a evocação das bênçãos ao trabalho, através de uma saudação dos tambores, que são do corpo, que são da alma e que são também da luta do povo negro:

54

*“Olojo Oni, mo juba o*

**Senhor deste Dia, meus  
respeitos, eu te saúdo**

*E je mi jise*

**Deixe-nos cumprir a missão**

*Ti Olodumare ran mi*

**Da qual Olodumaré nos  
encarregou**

*Bi Elemi Ko gba o*

**Se o Senhor desta vida não o  
impedir**



*Olodumare ase*

**Olodumare nos dê sua  
aprovação**

*Olodumare a ran rere*

**Possa Olodumare mandar sua  
benção**

*Si i o*

**Para nosso trabalho.”**



55



O dia estava ensolarado quando tivemos a primeira aula de capoeira. Procuramos uma sombra e um gramado e fomos para frente da casa da dona Ezeiza, uma senhora que fazia como ela mesma diz. Bem neste dia, éramos eu e mais 18 alunos no Quilombo do Cerra Pelado, Canguçu Hamada.

Daniel Soares, técnico do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor - CAPA.



O *Terço de Reis*, manifestação cultural tradicional da comunidade, estava em fase de extinção por falta de instrumentos musicais, quando através do projeto foi possibilitada a compra destes instrumentos e incentivada a comunidade a resgatar esta tradição.

Seu Zé, um dos membros que participam da manifestação cultural há mais tempo, conta uma simpatia para se proteger dos cachorros: se crava um prego na bananeira que depois é levado no bolso durante as visitas do *Terço de Reis*.

## Gosto muito de aprender a capoeira

AS ATIVIDADES CULTURAIS NAS comunidades quilombolas foram organizadas seguindo a metodologia do CAPA: nos primeiros encontros a comunidade expôs o seu trabalho e as suas expectativas, quando então reivindicou práticas culturais, ligados a ações desportivas e de lazer.

Partindo da vontade das comunidades, procurou-se estabelecer uma série de atividades do interesse da comunidade, entre as quais a capoeira, hip hop e rap, dança afro-brasileira, percussão (instrumentos carnavalescos), confecção de berimbau e confecção de lanças afro. Crianças, jovens e adultos passaram a atender as oficinas, tendo como o maior destaque as oficinas de capoeira. “A gente aprende muita coisa e eu estou gostando muito da capoeira”, confirmou o menino Ebersson Duarte, de 13 anos.

Outras oficinas e atividades buscaram enfatizar uma série de temas pertinentes, entre os quais a importância da cultura local remanescente dos quilombos, os contos e cantigas que passaram de avós e pais e que hoje os jovens e as crianças preservam e passam adiante; falas sobre o movimento da consciência negra e a importância da organização do grupo, em relação à luta pela conquista de políticas públicas para o povo negro do quilombo; a permanência na

comunidade para a manutenção das raízes e da cultura; a questão do preconceito e do racismo em todos os segmentos da sociedade. “Meu filho fez um curso mas não acabou, porque ele achava que ninguém iria ouvi-lo porque é negro e iam dizer - o que esse negro está falando? Ele pensa que sabe; nas lojas, os balconistas demoram para atender a gente.” (Clair Flores).

Também foram realizados passeios ecológicos com jovens, mostrando a importância da natureza para o povo negro, a ligação entre a raça e o meio ambiente, os costumes de algumas tribos africanas e a sua religiosidade sempre influenciada pelos elementos naturais: água, terra, fogo, pedras e quedas d’água locais onde os antepassados cultuavam e oferendavam aos orixás e as árvores tidas por algumas tribos como o Deus do conhecimento. ▽



## Oficinas de capoeira

NA PRÁTICA DAS OFICINAS DE CAPOEIRA constatou-se a falta de condicionamento físico de alguns jovens e crianças, devido à má alimentação. Por outro lado, a união entre eles era visível e a brincadeira e a descontração foram uma constante. Os quilombolas têm um gingado diferente dos outros capoeiristas e, apesar de praticarem somente uma vez por mês, os seus movimentos logo estavam bem avançados.

Os locais de prática do esporte foram os mais variados possíveis: desde o pé da mata até o topo do morro, de onde se conseguia avistar toda a paisagem ao redor. Ao término de cada aula, se fazia um jogo coletivo, todos jogando com todos, aumentando a integração da turma.

## Oficinas de berimbau

A PROPOSTA DAS OFICINAS DE BERIMBAU surgiu dos alunos de capoeira (a idéia é que cada um confeccionasse o seu berimbau). Desta forma, todos aprenderam a conhecer o principal instrumento da capoeira, feito de porongo (cabaça), madeira (verga) e corda (arame de aço extraído de pneu). As oficinas realizadas se dividem em três momentos:



- 1º A primeira atividade refere-se à extração da madeira. Pede-se licença para entrar na mata, fazendo uma oração a Oxossi (dona da mata), saindo depois como se entra em paz.
- 2º Em um outro encontro, a madeira (já seca) é lixada até ficar bem parelha e lisa, devendo então ser cortada no tamanho adequado. A seguir, amarra-se o arame do pneu nas pontas da madeira, deixando-a envergada. O arame deve ficar bem esticado.
- 3º Para preparar a cabaça, utiliza-se o porongo, que deve estar bem lavado. Depois de seco (deixar 15 minutos no sol), corta-se a parte de cima, furando-o. Coloca-se então uma cordinha na parte mais grossa da verga, passando a corda pelo arame. O berimbau está pronto.

## Oficinas de toques

REALIZAÇÃO DE TRÊS OFICINAS, JUNTANDO O toque do atabaque, do pandeiro e do berimbau:

- Grupo A- dos pandeiros;
- Grupo B - dos berimbaus;
- Grupo C - dos atabaques.

Cada grupo fica em um canto da mata, com uma certa distância um do outro. Por um

*Quilombo! É  
minha terra onde  
vivo! Onde meu povo  
já tem muita  
sopido! Por causa da  
cor e da raça!  
Maltratando e  
matando nossos  
ismãos! Nossos  
filhos! Errando nosso  
chá nos sonhos!  
Nossa esperança! He é  
negro e com orgulho!  
Sou negro digno, e  
sou brasileiro! E não  
desisto! E aí e esta  
batalha mata nossos  
ismãos! Com a  
própria navalha!  
Mas aí é fato! Pra  
sobreviver e não se  
distinguir! Fugiram  
pra mata fizeram  
um quilombo! E  
tinha um rei  
chamado Zumbi!  
He é negro e com  
orgulho! Sou negro  
digno, e sou  
brasileiro! E não  
desisto.*

Rap composto por Eliezer Danilo,  
18 anos.



Foto: curso de aperfeiçoamento do artesanato tradicional.

período de uma hora, os instrutores mostram os toques aos alunos. Depois, é feito um rodízio entre os instrumentos e grupos e, no final, todos se reúnem em uma só roda, tocando e cantando juntos. Esta dinâmica aumentou o rendimento dos alunos.

### *Oficina de confecção de lança afro*

NESTA OFICINA USOU-SE O MESMO MÉTODO da confecção do berimbau para a coleta de madeira a diferença é que a madeira deve ser mais grossa e maior. O processo de elaboração é o mesmo, mas o número de participantes deve ser menor. No final da oficina, são feitos alguns movimentos simulando caçadas e lutas dos ancestrais.

### *Oficina de Rap*

OS ALUNOS TOMARAM CONHECIMENTO dos principais grupos de rap e seus estilos, da origem do rap e do significado e mensagem de cada um dos termos. Abriu-se para discussão e depois foram criados alguns passos e elaboradas algumas letras a partir das batidas instrumentais (música sem vocal). Os principais temas abordados

são o racismo, a violência e a paz, utilizando o duelo de rimas.

### *Oficinas de cantigas e vocabulário da capoeira*

SÃO AULAS EM QUE SE CANTAM AS músicas, acompanhando as letras no ritmo do berimbau e do pandeiro. No que se refere às letras, explicou-se o palavreado narrado nas cantigas, que fala sobre o negro e a sua história.

### *Oficinas de artesanato*

COMEÇAR COM O ARTESANATO NÃO foi nada difícil, pois trabalhou-se apenas o que a comunidade já fazia. Foi possível perceber uma grande habilidade na confecção de cestas, colares, brincos e pintura em tela. Todas as atividades estavam relacionadas com os costumes e cultura do povo negro.





## *Resultados*

HOJE, AS COMUNIDADES SE INTITULAM: “COMUNIDADE quilombola”. As pessoas relatam histórias e costumes com mais facilidade, a organização e a união dos grupos aumentaram, os quilombolas falam dos aspectos culturais do povo negro com mais propriedade, felicidade e autoridade. A confiança dos quilombolas na equipe do CAPA e no projeto e o reconhecimento público dão credibilidade ao trabalho realizado. ■



A semente  
que a gente  
plantava,  
colhia um  
balainho de  
milho,  
plantava  
feijão e não  
dava um  
saco, a gente  
não tinha  
nada, não  
tinha mais  
esperança.  
Hoje, graças  
a Deus, nós  
temos um  
galpão  
cheinho de  
milho,  
bastante  
feijão para  
comer e até  
para  
vender.

Maurícia Santos Matos



*Aumentou a produção, a prova disso foi dada o ano passado por mim: eu plantei 60 quilos de meu feijão comum que eu tinha em casa e colhi 14 sacos. Com as sementes que vieram para o grupo através do CAPA, plantei 30 quilos, colhi 18 sacos.*

Jossê dos Santos

## *A gente não tinha nada, nem tinha mais esperança*

AO CHEGAR NAS COMUNIDADES, A Equipe do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) observou que haviam grandes problemas de saúde, de infra-estrutura (casas, luz e água) e generalizada baixa auto-estima das pessoas. Para falar em agricultura ecológica também era preciso abordar estas questões, consideradas prioritárias.

Fez-se um levantamento sobre as dificuldades em relação à produção. O relato foi unânime e os participantes identificaram a comercialização como problemática. Os produtos estavam sendo vendidos a valores 60 a 70% mais baixos do que o valor de mercado. Toda a produção era entregue no comércio local, em troca de comida ou para pagamento de insumos e sementes de má qualidade, ocasionando diversos problemas na produção, principalmente de milho e feijão. Outro problema detectado foi o preconceito dos moradores do entorno. Fazendeiros e agricultores não queriam a organização dos quilombolas, sentindo-se ameaçados de perder o controle que sempre tiveram sobre os negros daquelas comunidades.

Identificados os problemas mais urgentes, começou-se o trabalho de resgate do conhecimento da comunidade: a maneira de plantar, de colher e de armazenar as sementes

para o próximo plantio. Constatou-se a perda de muitas variedades de sementes crioulas transmitidas de geração para geração, confirmando a necessidade de se adquirir sementes crioulas adaptadas à região, para melhorar o banco genético.

Pesquisou-se em algumas famílias a condição de parceria no uso da terra. Observou-se que, a cada ano, o fazendeiro oferecia um pedaço de terra diferente, onde o quilombola tinha que fazer uma roça nova e deixá-la em boas condições de uso, ou seja, pronta para a agricultura. Em seguida, precisava devolvê-la ao proprietário, que a utilizaria para a pecuária. Isso acontecia ano após ano - a gleba boa era trocada por outra, onde o quilombola tinha que recomeçar tudo novamente.

O perfil de entrada aplicado nas comunidades pelo CAPA constatou que muitos quilombolas dominavam a prática de uma agricultura tradicional, não usando nenhum tipo de veneno e adubo químico, até mesmo pela falta de recursos financeiros. Com relação às condições de uso do solo, viu-se que no município de São Lourenço do Sul muitos faziam um manejo correto, com proteção de plantios em faixas, quebra ventos, curvas de nível, a partir do conhecimento obtido dos antepassados ou através da observação





## Resultados

COM A ROTAÇÃO DAS CULTURAS FOI POSSÍVEL resolver dois problemas básicos: a pouca diversificação e as doenças observadas nas lavouras foram eliminadas quase totalmente. Com a implementação das hortas e pomares em todas as propriedades, houve uma qualificação na alimentação e também um aumento da produção, fazendo com que as famílias dependessem menos do mercado externo. Com isso, a renda nas grandes culturas passou a ser utilizada para investimentos na propriedade. No que se refere à conservação do solo, as diversas reuniões técnicas e os cursos de formação sobre agroecologia possibilitaram a utilização prática de manejo e uso do solo na perspectiva da cultura permanente.

A falta de visibilidade do trabalho e o descaso com a produção dos quilombolas foi superada com a organização das comunidades e sua inserção no programa Comercialização Solidária/Fome Zero, onde tiveram seus produtos adquiridos dentro do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), gerando um aumento na renda das comunidades, maior consciência da sua cidadania e aumento da auto-estima. ■

72



73

Foto: Dárli,  
Serrinha,  
comunidade  
Monjolo.

*Estou adorando pintar a mulher negra, como é bonita. Eu nunca tinha visto um negro num quadro e nessa pintura está fazendo sucesso!*

Rosângela Flores



*Eu nunca tinha estudado, quando me disseram que ia ter pintura, achei muito bom para as gurias novas. Mas insistiram para eu entrar, eu velha com as mão calejadas da lavoura, acostumada a roçar capoeira, nunca imaginei que fosse capaz de fazer o que eu fiz.*

Eva Correa Escoto

## Como a mulher negra é bonita

A GERAÇÃO DE TRABALHO E RENDA caracterizou-se como uma das linhas de ação fundamentais do projeto desenvolvido pelo Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA). Entre os resultados da valorização da cultura e dos produtos artesanais como forma de gerar renda, verificou-se o aumento da auto-estima, desenvolvimento do potencial artesanal, preservação do acervo histórico e da memória cultural dos quilombolas.

O diagnóstico feito pela equipe do CAPA mostrou oportunidades e potencialidades, sem descuidar das referências culturais locais. Desta forma, as atividades na área do artesanato enfatizaram necessidades, desejos, valores culturais e a etnicidade, valorizando os saberes tradicionais. Depois de feito o diagnóstico sobre problemas de produção e questões técnicas, o passo seguinte foi perguntar às comunidades o que gostariam de fazer.

Cestos, quipes, jueiras e pilões eram artefatos muito utilizados: os cestos, na colheita das lavouras e nas hortas; os pilões para bater os grãos; e a peneira, para retirar cascas e areias. Percebeu-se, no entanto, que muitos costumes se perderam. Há quilombos que só fazem um tipo de artesanato.

As atividades sempre respeita-

ram a etnicidade, as manifestações culturais locais e o conhecimento existente. Uma etiqueta criada especialmente para os objetos ajudou a identificar a forma de produção e o cuidado com a preservação da história e cultura dos quilombolas, reforçando também os princípios de mercado justo e comércio solidário. O artesanato promoveu a visibilidade das comunidades em feiras locais, encontros e seminários regionais e estaduais. “Eu depois de velha aprendi a fazer crochê, foi muito bom porque nos dias que a gente se juntou para isso umas ajudaram as outras. Depois a gente marcou de ir umas nas casas das outras que sabiam fazer crochê para nos ensinar mais. Agora, eu já sei fazer vários tipos de ponto”, relatou Maria Fagundes Duarte.

O trabalho no artesanato incluiu a realização de várias oficinas, mantendo o sentido prático para a geração de renda e comercialização dos produtos. As oficinas, realizadas quinzenalmente nas comunidades, buscaram instrumentalizar os quilombolas em diversas atividades artesanais:



## *Pintura afro*

Aprender a pintar era um antigo desejo da comunidade. O contexto em que se deu o trabalho foi o aumento da auto-estima, principalmente das mulheres. As pinturas temáticas davam ênfase à mulher negra e sua beleza étnica. Os resultados foram surpreendentes, pois as mulheres se enxergaram nas telas. *“Eu nunca tinha estudado, quando me disseram que ia ter pintura, achei muito bom para as gurias novas. Mas insistiram para eu entrar, eu velha com as mão calejadas da lavoura, acostumada a roçar capoeira, nunca imaginei que fosse capaz de fazer o que eu fiz”*, contou Eva Correa Escoto, 71 anos.

78

## *Penteado afro*

Esta oficina foi feita em várias comunidades. Além da trança de cabelos, o objetivo foi o resgate da auto-estima.

## *Bonecas negras de pano*

A reprodução do artesanato feito pelas mulheres quando pequenas serviu também para as crianças brincarem com bonecas negras, pois no mercado só se vendem bonecas brancas.

## *Flores de trançilin e fitas*

Confeção de flores e arranjos para serem aplicados em almofadas e bolsas.

## *Tricô e crochê*

Noções básicas de pontos de tricô e crochê e aplicações em guardanapos.

## *Estrela de cheiro*

Uso de galhos de árvores para confecção de estrelas de ervas medicinais, que enfeitam e perfumam.

## *Ponto cruz*

Introdução de técnicas básicas e modelos.

## *Técnicas de tapeçaria*

Aperfeiçoar a produção de tapetes, utilizando materiais como estopa e retalhos em malha com cores vivas e desenhos diferentes.

## *Flores de retalhos*

Confeção de flores de retalhos, para aplicação em toalhas, colchas, guardanapos e bolsas.

## *Almofadas e ornamentos*

Ensino de técnicas de confecção de almofadas e ornamentação.

## *Fuxico*

Utilização do fuxico para melhorar o artesanato com enfeites, aproveitando restos de tecido.

## *Bolsas e ornamentação*

Confeção de bolsas e enfeites.

## *Coalha de tecido e filô*

Costura e ornamentação.

## *Corte e costura*

Técnicas básicas de corte, costura e manuseio de máquinas.

## *Bonecas em palha de milho*

Curso promovido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), com a participação dos quilombolas.

## *Bolsa com estopa*

Técnicas de confecção e diferentes modelos.

## *Mosaico de retalhos*

Oficinas com técnica de aproveitamento de retalhos para confecção de colchas.

*Com o artesanato eu aprendo a fazer coisas para enfeitar minha casa - e posso fazer maravilhas.*

79

Libânia Matos





## Resultados

AS OFICINAS FORAM REALIZADAS COM MUITA alegria e descontração. *“Eu uso as faxinhas e saio toda bela”*, contou Jussara Ribeiro. Alguns quilombolas não queriam aprender e, mesmo assim, caminhavam quilômetros para participar dos encontros e se reunir com os vizinhos. Os produtos passaram a ser comercializados em feiras e seminários, divulgando também o nome das comunidades. As famílias passaram a enfeitar suas casas com os produtos, despertando interesse das crianças. *“Com o artesanato eu aprendo coisas para enfeitar minha casa e posso fazer maravilhas”*, disse Libânia Matos.

80



81



Foto: artesanato das comunidades quilombolas.



*Eu  
conheço  
ervas  
de chá  
que  
nem  
estrelas  
no céu!*

Dona Flávia, da comunidade Armada.



*Nas noites de  
lua cheia nós  
recebíamos  
muita  
energia de  
Deus, a gente  
olhava com  
muita  
firmeza  
para o céu,  
admirando a  
lua e fazendo  
nossas orações,  
pegando um  
galho de chá  
para fazer o  
sinal da  
cruz.  
Pedíamos  
proteção para  
nossos  
doentes.*

D. Flávia, da comunidade  
Armada.

## *Conheço ervas de chá que nem estrelas no céu*

NO QUE SE REFERE À SAÚDE COMUNITÁRIA, o projeto desenvolvido pelo Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) buscou conscientizar e organizar a população quilombola em relação ao acervo e conteúdo das práticas medicinais exercidas na comunidade. Trabalhou-se com uma diversidade de produtos e plantas medicinais que detêm o poder de “curar”. “*Eu conheço ervas de chá que nem estrelas no céu*”, relatou dona Flávia, da Comunidade Armada.

Duas atividades foram de fundamental importância no desenvolvimento dos trabalhos: a identificação de plantas medicinais, através da elaboração de um catálogo das plantas utilizadas pela população quilombola, indicando suas origens no uso pelos antepassados e suas indicações; e a realização de oficinas, os “laboratórios”, onde se aplicou a técnica herdada pelos ancestrais para a produção de xaropes, pomadas e tinturas.

Um levantamento inicial mostrou as doenças mais frequentes gripe, tosse, infecção respiratória, pressão alta, asma, bronquite, reumatismo, coluna e anemia, problemas digestivos e infecções binárias e como eram tratadas. “*A gente tinha muita paciência e rezava muito, porque doutor não conheci até os 15 anos e depois era muito*

*difícil de chegar até ele*”, disse dona Miguelina Soares Duarte.

Identificou-se também um alto índice de hipertensão entre as mulheres (em Canguçu, 70% das mulheres entre 30 e 40 anos são hipertensas). Estas assumem a responsabilidade e preocupação de toda a carga familiar e, mesmo assim, têm pouco espaço nas decisões e no comando familiar.

Para as comunidades quilombolas, curar a doença é valorizar a pessoa. A maior parte dos problemas de saúde são tratados a base de chás, com muita fé e orações e através da maneira carinhosa de lidar com os doentes. Saúde é entendida como sendo ausência de dor e sofrimento. O envolvimento no tratamento das doenças se dá com filhos, família e vizinhas. As plantas como arruda, malva cheirosa, quebrado e guiné são cuidadas com maior apreço e cultivadas bem próximo das casas (“no próprio ninho”), como forma de proteção do espaço familiar. “*Nós aprendemos as coisas de chá com nossas mães que também aprenderam com nossas avós. Elas se visitavam muito, iam na casa das outras tomar seu golezinho de café e ajudavam a curar os filhos que estavam doentes, com benzedura e*



*simpatias*” (Clair Flores).

No que se refere à alimentação, verificou-se que os alimentos mais usados eram batata doce, feijão, arroz, amendoim, abóbora, canjiquinha, pão e café. Como forma de incrementar a dieta, elaborou-se um complemento alimentar contendo ferro, cálcio e fibras, incrementando o plantio e a maior diversidade na alimentação. Também promoveu-se oficinas sobre os valores nutricionais dos alimentos da horta, verduras e legumes. A confecção de broas de milho, feitas com farinha produzida na própria comunidade, serviu de resgate do hábito dos antepassados, valorizando a produção e cultura características.

86

A identificação das plantas medicinais usadas nas comunidades foi acontecendo nas visitas, nas conversas com as pessoas mais idosas, na maioria mulheres (benzedeiras), e também pessoas mais experientes que serviam para aconselhar e ajudar em situações de dor e sofrimento.

Depois de identificadas as plantas medicinais e seu uso, partiu-se para as oficinas de xaropes, pomadas e tinturas estas produzidas com cachaça de um alambique próximo das comunidades. Um herbário foi produzido individualmente, com o nome local

das plantas e um exemplar dessecado. A confecção de uma farmácia caseira familiar foi o resultado natural da valorização dos remédios caseiros. Também foi promovida a troca de mudas entre as comunidades de São Lourenço do Sul e Canguçu.



*Nas  
aprendemos  
as coisas de  
chá com  
nossas mães  
que também  
aprenderam  
com nossas  
avós. Elas se  
visitavam  
muito, iam  
na casa das  
outras tomar  
seu golezinho  
de café e  
ajudavam a  
curar os  
filhos que  
estavam  
doentes, com  
benzedura e  
simpatias.*

Dona Miguela, Maçambique

87

Foto: D.  
Miguela, da  
comunidade  
Maçambique





## Resultados

PELOS BONS RESULTADOS OBTIDOS NA saúde, a identificação das plantas medicinais e sua manipulação representam hoje uma das atividades mais valorizadas nas comunidades.

A lista a seguir identifica as plantas medicinais usadas com mais frequência nas quatro comunidades (Torrão, Serrinha, Armada e Maçambique):

### *Palminha, Palma ou Catinga de Mulata*

Usada para frieiras, em forma de chá ou como pó para dores e ferimentos em geral.

### *Aruda*

Planta usada para benzer quebrante, para batizar bebês e proteger as casas.

### *Massania*

Para cólicas de bebês e produção de leite materno.

### *Sabugueiro*

Usado para doença do sapinho e contra febre alta.

### *Malva*

Muito usada no parto e quando tem alguma infecção.

### *Ewa-da-vida*

Para lavar os olhos e contra dores no corpo.

### *Quiné-da-mata*

Usada para banhos em pessoas com mal-estar e desanimadas.

### *Ewa-de-pedra*

Usada para os rins.

### *Miozinho da Nossa Senhora*

Usamos para rins e urina frouxa. Com as sementes, fazemos colares para enfeitar as moças.

### *Folha do abacateiro*

Para dar sono, pressão alta e o sumo para mordida de cobra.

### *Alfazema*

Usada para dor de cabeça. Em crianças com quebrante, passa-se a folha na brasa e coloca-se na camiseta do nenê para dormir a noite.

### *San-sepulcro*

Dores de estômago e “encaio”.

### *Sene*

O chá de sene é usado para estômago “empitado”.

### *Losna*

Para dor de barriga, estômago e dores no fígado.

### *Ewa cidreira*

Indicada para nervos agitados.

### *Malva-cheirosa*

Banhos de descarrego e pés inchados.

### *Funcho*

Gripe e tosse, chá para resfriado.

### *Açaita cavalo*

Gripe e muito usada nos xaropes.

### *Atiãjos*

Usado para “afumantação” e gargarejo.

### *Alecrim*

Muito usado para defumações.

### *Quebrado*

Defumações.



## Receitas

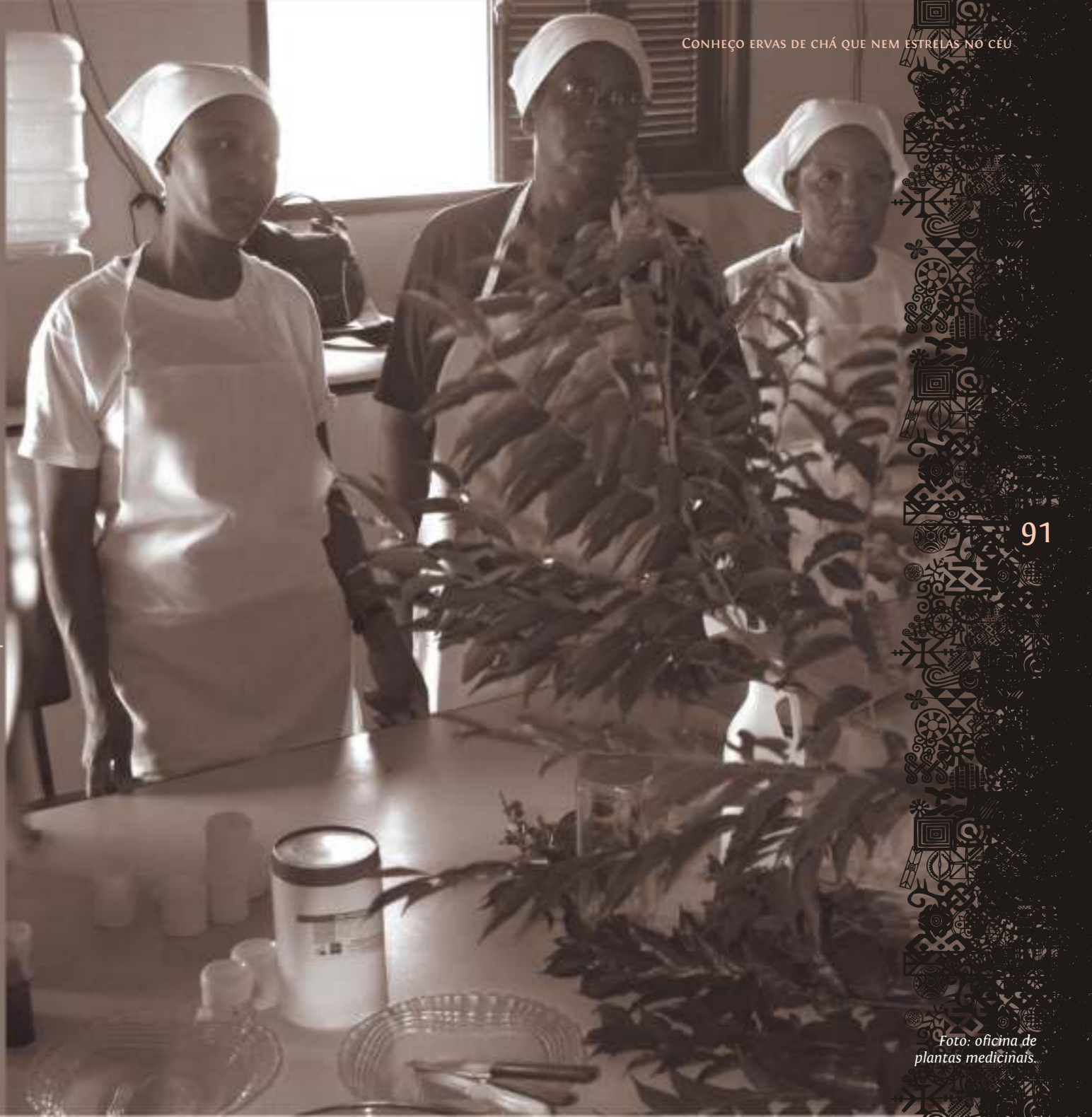
As receitas representam outro forte legado que as famílias quilombolas utilizam para combater os diversos tipos de doenças:

### 1. Karope para tosse e bronquite

De D. Clair, benzedeira da Armada.

#### INGREDIENTES

- ❖ Piriquiteira do mato
- ❖ Hortelã
- ❖ Marcela
- ❖ Guaco do mato
- ❖ Avenca
- ❖ Cambará do mato
- ❖ Coração de bananeira
- ❖ Poejo
- ❖ Canela em rama





#### MODO DE PREPARO

Juntar tudo, colocar água e açúcar mais ou menos, tapando o chá e deixando ferver até obter uma calda

### 2. *Carope para pontada de pneumonia*

*Elaborado por Lurdes Helena de Quevedo, da Comunidade Torrão. Ela herdou a receita da falecida avó, que curava os doentes dos pulmões.*

#### INGREDIENTES

- ❖ Água
- ❖ Açúcar
- ❖ Chá de San Sepulcro
- ❖ Erva de bugre

#### MODO DE PREPARO

Juntar todos os ingredientes e por fim juntar e derreter uma rapadura ou melado.

### 3. *Chá para diarreia*

#### INGREDIENTES

- ❖ Três brotos de goiabeira do mato
- ❖ Três brotos de pitangueira
- ❖ Três brotos ou ponta de galhos de bergamoteira

### 4. *Ungüento para dores musculares, coluna e "encaia" e espinhela caída*

#### INGREDIENTES

- ❖ Banha ou graxa quente
- ❖ Chá de alcânfora e palminha

#### MODO DE PREPARO

Preparar unguento de banha ou graxa quente misturada com chá de alcânfora e palminha, fazendo massagem. Proteger o doente do frio enquanto o tratamento.

Foto: Seu Ireno, da Serrinha - comunidade Monjolo.

Às  
 noite, ouvi  
 barulho no  
 pátio e as  
 crianças  
 começaram a  
 chorar. Fui  
 para a rua  
 com um  
 pedaço de  
 porrete e  
 quando eu vi,  
 a coisa ruim  
 se transfor-  
 mou em  
 uma cobra  
 gigante e dos  
 olhos saía  
 fogo...

D. Fimha, Maria Vitorina  
 Oliveira Duarte, Maçambique.





Os cadernos eram de pedra e se escrevia com outra pedra pontiaguda. A gente carregava a pedra em uma sacola que minha mãe fazia de retalhos. Nós escrevíamos e no final da aula precisava apagar e guardar tudo na cabeça. Mais tarde era caderno de papel, mas a pedra servia para fazer as contas. A gente estudava até a terceira série e os pais tiravam a gente para ajudar na lavoura.

Telmo Ribeiro

## Lendas, histórias e costumes

### LENDAS

#### *Quando a coisa-ruim virou cobra*

Dona Fiinha lembra que isso antigamente existia muito, ela mesmo se deparou com um no pátio de sua casa: “Uma noite, ouvi barulho no pátio e as crianças começaram a chorar. Fui para a rua com um pedaço de porrete e quando eu vi, o coisa ruim se transformou em uma cobra gigante e dos olhos saía fogo. Era uma coisa horrível, a cobra gigante andava no meio dos gravatás. Eu gritei ‘Deus nosso Senhor olha por mim’ e fui para cima dela, dei um monte de porretada, o bicho saiu do pátio fazendo um barulho horrível, que eu nunca havia ouvido antes.”

#### *História de lobisomem*

Seu Telmo conta que, numa ocasião, dona Augusta (já falecida), moradora do quilombo Campos Quevedo, entrou na cozinha e encontrou o lobisomem lá. O cachorro da casa entrou pela janela e se botou no bicho. O danado saiu pela porta da cozinha, correndo, e atropelou dona Augusta, que caiu no chão e se machucou.

Ele saiu em direção ao mato e o povo foi correndo atrás dele, mas não

achou mais nada. No outro dia o vizinho perto da casa do seu Telmo amanheceu todo machucado - ele era o lobisomem!

Seu Telmo diz que hoje em dia não tem mais isso - talvez porque as pessoas são batizadas.

#### *A alma penada*

Seu Vilmar relata que, há muitos anos, inúmeras vezes, quando voltava do serviço a pé, ele via que em um certo ponto da estrada alguém o acompanhava. “Quando eu olhava, a pessoa sumia. Um dia, eu vinha a cavalo e este começou a ficar nervoso. Desci do cavalo e segui puxando pelo freio. Numa certa altura da estrada, finalmente apareceu a alma penada!”. Seu Vilmar disse que a alma era para seguir em paz com a força de Jesus Cristo. Depois disso, a alma nunca mais apareceu. Ele acha que era a alma de um homem que há muitos anos foi assassinado ali.

#### *Mais uma de lobisomem*

Telmo, Ernesto e Ireno tinham saído para pescar, era noite de lua cheia e nunca tinha dado tanto peixe como naquela noite. Ficaram até a meia-noite, quando foram embora. Passaram atalhando um mato para chegar mais



cedo em casa. Telmo começou a ouvir um barulho de corrente. Olhou para trás e viu que era um bicho parecido com um cachorro, mas não falou nada para seus companheiros.

Quando chegou perto das casas, disse para seus companheiros seguirem na frente. Voltou e deu de faca no bicho voava sangue para tudo que é lado e saiu correndo.

No outro dia, Telmo voltou ao mesmo lugar. Não tinha mais sangue, só capim amassado, e a faca estava limpa. Telmo acha que o lobisomem queria os peixes.

### *Mato da mula sem cabeça*

Durante uma oficina de berimbau, um grupo de alunos e o professor Daniel foram até a mata mais próxima fazer a coleta de madeira para a confecção dos instrumentos. Salvonei, o pai de um dos alunos, estava junto. Entraram na mata e depois de uma hora de caminhada, viram que ali não havia a madeira adequada. Olhando um pouco a frente, a cerca de 15 minutos de caminhada, tinha outra mata que parecia ter a madeira necessária.

Professor Daniel convidou as crianças para ir até lá e quando pegou o atalho em uma picada, todos os outros ficaram para trás. Um menino chamado Luciano gritou:

– Professor, não passa por aí.

Daniel perguntou porque e os meninos não queriam falar, só riam.

Daniel chamou ih, Salvonei, vamos junto e Salvonei olhou com um ar de espanto. Ao notar que havia algo acontecendo, o professor perguntou novamente o que é? Ninguém respondia e ele ameaçou entrar na picada. Nesse momento, o grupo ficou preocupado e apavorado e contou que era o mato da mula sem cabeça e que ninguém passava ali. Salvonei disse que muitos dos seus familiares, quando vinham das lavouras próximas a esta mata, viam a mula sem cabeça solta e até hoje ali nunca foi feita uma lavoura

## HISTÓRIAS

### *Onça de estimação*

Seu Ireneo conta que sua avó era de origem bugre e tinha o cabelo até os pés. Ela criou uma onça baía desde quando era filhote. Dizia que onça tigrada não se domestica e a baía pode ser domesticada.

A avó de seu Ireneo costumava lavar roupas e tomar banho no arroio Monjolo que passava dentro do quilombo. Um certo dia, estava lavando roupas na beira do arroio e sua onça de estimação começou a rosnar. Ela estranhou o fato e achou que a onça estava rosnando para ela. Olhou para trás e viu que havia uma onça selvagem nas suas costas. A onça baía atravessou o arroio e avançou na onça selvagem, enquanto ela saiu correndo pra casa. Mais tarde, foram buscar a onça de estimação, que estava com a pata toda mordida. Levaram para casa

para tratar os ferimentos.

Seu Ireneo diz que nos tempos de hoje tudo isso se terminou, porque vieram os colonos, produziram e desmataram. Com isso, os bichos foram sumindo e hoje seus netos não conseguem ver uma onça baía.

### *A cobra no mutirão*

Telmo Ribeiro relata que, há muito tempo, quando ainda era jovem, a Comunidade da Serrinha costumava se reunir como ainda acontece nos dias de hoje, para fazer o mutirão da colheita de feijão. Todos se reuniam pela manhã bem cedo, na casa de um dos moradores, e saíam para a lavoura escolhida. Cada um levava algum alimento para ser preparado ao meio-dia.

Depois de todo trabalho feito na parte da manhã, sentavam a sombra, esperando aprontar a “bóia”- usualmente um formigueiro (comida típica desta comunidade). Quando o almoço estava pronto, todos comiam juntos.

Um certo dia, numa determinada lavoura, logo depois do almoço, apareceu uma cobra que ninguém nunca tinha visto igual. A cobra ficou parada, observando o movimento. Depois de um tempo, a cozinheira mais velha levantou, pegou o resto da comida e despejou no canto da lavoura. A cobra foi até lá, comeu e desapareceu.

Este fato se tornou rotina em

todos os mutirões feitos na comunidade.

### *Pedra da degola*

Dona Hilda conta que ali na Armada (Canguçu), no tempo da guerra dos maragatos e pica-paus, costumavam degolar os inimigos de guerra em cima de uma pedra que tem na beira da estrada. Dona Hilda conta que, até hoje, à meia-noite, se escutam gritos lá das pedras, das almas que foram degoladas.

## COSTUMES

### *Controlando o barbeiro*

Seu Roberto da Armada conta que os mais “antigos” tinham uma receita para controlar o barbeiro. O negócio é queimar a folha da imbirá que afugenta o bicho.

### *Preparação para o nascimento*

Nos quilombos, o ritual da preparação do nascimento começava com a coleta de água benta na noite de São João. Ao nascer, a criança deveria ser apresentada à lua (antes do sétimo dia), segundo a crença, para que ela o protegesse. Acreditava-se que se esse ritual não acontecesse a criança não sobreviveria (a lua devoraria a criança, de forma que ela minguará até a morte). Ao fazer isso, a mãe pronun-



ciava as seguintes palavras: *lua, luar toma este criança e me ajuda a criar*. Em algumas famílias este ritual acontece na atualidade.

### *Os partos de outraora*

Antigamente, as parteiras usavam água benta, tesoura e água quente (para lavar panos e tesoura), conta dona Hilda. Na noite de São João, quando o sol se punha, as pessoas iam na sanga colher água. A água era colocada no lado de fora da porta do rancho e antes do sol nascer, era colocada pra dentro de casa. Essa água benta era utilizada para batizar e para partos difíceis.

A parteira fazia uma reza antes de começar. Quando a criança nascia, cortava o umbigo com uma tesoura, que era enfiada na palha do rancho e só era retirada quando o umbigo caía. Antes disso não, porque corria o risco de render o umbigo. O umbigo era amarrado com linha preta. O tratamento para o umbigo cicatrizar, sem infeccionar, era feito com cinza, um paninho preto e um pano para segurar.

### RECEITAS

Resgate de algumas receitas de comidas típicas dos quilombolas que relataram a alimentação de quando eram crianças.

### *Fazmigueira*

Cozinhar  $\frac{1}{4}$  canjica e  $\frac{1}{2}$  feijão, tudo junto. Depois de cozido, misturar  $\frac{1}{2}$  quilo de costela de porco e  $\frac{1}{2}$  quilo de arroz. Deixar secar até o arroz ficar cozido.

### *Canjiquinha*

Lavar bem o pernil e a costela de porco, fritar as carnes e botar canjica, mexendo sempre. Depois, acrescentar batata, orelha e rabada de porco.

### *Cuscuz*

Carne de porco com pelanca ou barrigueira, fritar bem com cebola, ralar o milho e colocar água para que não grude. Botar no guardanapo e cozinhar só no vapor. Misturar a carne e servir quente.

### *Feijão mesido*

O feijão é de corda, fritar o toucinho, a barrigueira de porco e colocar no feijão. Colocar a farinha de mandioca e mexer até engrossar.

### *Sopa de feijão*

Cozinhar o feijão, a carne de porco, carne de gado, milho, abóbora, cenoura, batata inglesa e os legumes que tiver. Misturar tudo e cozinhar até o caldo engrossar.

### *Carreteiro de charque*

Colocar o charque de molho para tirar o sal. Depois, fritar bem dourado e colocar arroz. Cozinhar até o arroz ficar macio. ■

## Endereços

### CENTRO DE APOIO AO PEQUENO AGRICULTOR - CAPA

Rua Barão de Santa Tecla, 510 Centro  
Pelotas / RS 96010-140  
(53) 3272.3930 fone/fax (53) 3027.1895  
capasul@terra.com.br  
www.capa.org.br

### MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO - MDA

[www.mda.gov.br](http://www.mda.gov.br)

### PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE DE GÊNERO, RAÇA E ETNIA - PPIGRE

SBN, Quadra 1, Edifício Palácio do Desenvolvimento, 21º andar, sala 2104  
Cep: 70.057-900, Brasília-DF  
Tel: (61) 21919845 - 21919869  
www.mda.gov.br/aegre

## Referências

- DALLA VECCHIA, Agostinho Mario. **Os filhos da escravidão: memórias de descendentes de escravos da região meridional do Rio Grande do Sul**. Pelotas: Editora Universitária/ UFPEL, 1994.
- GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias**. Pelotas: Ufpel/ Mundial, 1993, p.220.
- KERN, Arno (org.). **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- MAESTRI, Mário (org.). **Deus é grande, o mato é maior - história, trabalho e resistência dos trabalhadores escravizados no RS**. Passo Fundo: UFP, 2002.
- PRANDI, Reginaldo / ilustrações de Pedro Rafael. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Relatórios do Projeto Pequenos Agricultores Quilombolas**, Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor. Pelotas: 2003, 2004, 2005, 2006.
- SUNDEELD, Carlos Ari (org.). **Comunidades Quilombolas: direito à terra**. Brasília: Fundação Palmares/ Minc / Editora Abaré, 2002.

ESTE LIVRO, PATROCINADO PELO MINISTÉRIO DO Desenvolvimento Agrário (MDA) através do Programa de Promoção da Igualdade de Género, Raça e Etnia (Ppigre), foi produzido entre novembro de 2006 e junho de 2007. As fontes utilizadas foram *Fontin*, *Fontin SmallCaps* e *JaneAusten*, todas *freeware* e disponíveis na internet. A impressão, encadernação e o acabamento foram realizados na Gráfica Palotti, com tiragem de 1.500 exemplares, impressos sobre papel reciclado 90g/m<sup>2</sup> para o miolo e reciclado 90g/m<sup>2</sup>, com plastificação fosca *prolan*, para o revestimento da capa. TODO O MATERIAL CONTIDO NESTA PUBLICAÇÃO É DE PROPRIEDADE DE SEUS RESPECTIVOS AUTORES E DAS COMUNIDADES ARMADA, MAÇAMBIQUE, MONJOLO E TORRÃO E NÃO DEVE SER UTILIZADO SEM PERMISSÃO.